

## EM APUROS: O BANHEIRO DA ESCOLA E TEORIZAÇÕES FOUCAULTIANAS

### *Eixo Temático 19 – Gênero e Sexualidade na Escola: novas ameaças, enfrentamentos e possibilidades de resistência*

Cintia Müller Leal <sup>1</sup>  
Rochele de Quadros Loguercio <sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este trabalho é parte de uma tese de doutorado que foi escrito na forma de ensaio teórico e busca problematizar o corpo humano dentro do currículo, no qual analisamos um documento que denuncia a transfobia de um professor contra uma estudante transgênero que utilizou o banheiro feminino. Utilizamos a análise de discurso de Michel Foucault, articulando conceitos como discurso, saber-poder e norma com contribuições de filósofas como Judith Butler e Paul B. Preciado fazendo uma crítica à ciência e à biologia, que reforçam a transfobia ao interditar as vidas trans e não-binárias. Instâncias escolares como a assistência estudantil e o núcleo de gênero e diversidade podem contribuir para a resistência às violências LGBTfóbicas nessas relações assimétricas de poder.

**Palavras-chave:** Foucault, discurso, uso do banheiro.

#### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é apresentado na forma de ensaio teórico e faz parte de uma tese de doutorado que busca problematizar o conceito de corpo biológico dentro do currículo, trazendo contribuições das ciências humanas, especialmente as teorizações pós-críticas e pensadoras/es *Queer*. A partir de um documento institucional que denunciou a atitude desrespeitosa e transfóbica de um professor contra uma aluna transgênero e levando em consideração as perspectivas teóricas de Michel Foucault, Judith Butler e Paul B. Preciado, buscamos fazer uma interlocução dos conceitos como discurso, saber-poder, normatividade e cisheteronormatividade com as práticas denunciadas no documento e as potencialidades

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação de Educação em Ciências - UFRGS, [cintialeal@ifsul.edu.br](mailto:cintialeal@ifsul.edu.br);

<sup>2</sup> Orientadora pelo Curso de Pós-Graduação de Educação em Ciências - UFRGS, [rochelel@gmail.com](mailto:rochelel@gmail.com);

educacionais deste fato. Observamos a circulação de um discurso cultural hegemônico que se apresenta como uma racionalidade universal em que as pessoas são divididas em “homens” e “mulheres”, definidos pela anatomia e a citogenética de seus corpos e através desses saberes podemos identificar os discursos biomédicos e pedagógicos e sua íntima relação com as relações de poder. A estudante transgênero – como sujeito vulnerabilizado – vivenciou mais um processo de marginalização, ao escapar dos padrões da cisheteronorma e que a possibilidade de denúncia e responsabilização do agente da violência (professor, homem cis e branco) bem como uma nova e pedagógica sinalização dos banheiros da escola, de acordo com a identidade de gênero, pode constituir uma micropolítica de resistência e de luta por uma educação para a diferença no espaço escolar.

### **Numa tarde pré-pandemia na escola...**

Era uma tarde de sol, a primavera em seus primeiros dias, intervalo entre o segundo e o terceiro período, Daniela e Joana\* saem conversando do banheiro do corredor do curso de Eletrônica, quando são abordadas por um professor (homem, jovem, branco) num gesto fiscalizatório e agressivo, direcionado à Daniela: *“Não sei se tu sabes, mas aqui nessa escola os banheiros são separados por gênero”*. A estudante respondeu: *“mas nenhuma menina se queixou da minha presença no banheiro”* e o professor replicou que as meninas poderiam se sentir *“constrangidas com a tua presença e não ter tido a coragem de falar”*. Daniela, muito nervosa e constrangida, não encontrava seu crachá de identificação que constava seu nome social para mostrar ao ‘professor-fiscal-juiz’ que sua identidade de gênero era condizente com o banheiro feminino que acabara de utilizar. Essa história continua e se desdobra em outros desfechos que não caberão neste trabalho, mas nos dispara em direção a algumas teorizações foucaultianas que pretendemos articular com a educação, em especial a educação em ciências.

Nesta rápida e constrangedora cena - não fictícia - dentro da escola, com duas estudantes adolescentes e um professor, tentaremos identificar e articular *os discursos*, o *saber-poder* e a *norma*, bem como o papel da escola e da ciência na construção das subjetividades, trazendo ao texto, portanto três conceitos-ferramenta que o filósofo Michel Foucault desenvolveu ao longo de sua obra, nos deslocamentos e torções de seu pensamento filosófico.

---

\*Nomes fictícios das estudantes

Voltando à cena: o que mobilizou um homem adulto a interromper seus afazeres para abordar uma dupla de estudantes que saíam do banheiro feminino, sem nenhum tipo de ocorrência que justificasse sua abordagem? Nenhum grito, nenhum pedido de socorro, apenas seu entendimento de estar hierarquicamente acima das estudantes e de julgar que eram uma menina e um garoto “efeminado” que saíam do banheiro feminino e que isso seria uma importante transgressão do regimento escolar? O que permitiu ao professor abordar ostensivamente as duas estudantes na saída do banheiro, totalmente “coberto de razão”? Talvez o professor desconhecesse que Daniela era uma jovem transgênero - ela não era “passável”<sup>1</sup>, uma jovem de classes populares, sem recursos para investir no “visual” de garota – mas possuía nome social no crachá de identificação e que seu gênero era, portanto, feminino e ela estava usando o banheiro adequado a ela! A respeito dos discursos circulantes na cena escolar: Foucault se interessou em conhecer o que torna este ou aquele discurso possível, buscou entender porque alguns discursos são aceitos como verdadeiros e outros não, ele não se preocupou com o discurso propriamente, enquanto expressão de uma ideia ou de uma concepção, mas enquanto suas condições de possibilidade. Para que um discurso se prolifere, chegue às leis, aos regimentos e especialmente às práticas (tanto o que foi dito quanto o que foi feito), é necessário uma *episteme*, o aparecimento de uma nova ordem num certo momento histórico e que os saberes que aí surgem, manifestos nos discursos, são tomados como verdadeiros devido a sua influência. No caso específico dos banheiros, eles são divididos nas escolas como “Homem” e “Mulher” e esta divisão reflete uma lógica estritamente binária, que se apresentam como uma racionalidade universal: uma cisheteronormatividade<sup>2</sup>. A filósofa Judith Butler (2019) situaria nossa estudante Daniela como uma pessoa de gênero “incoerente” ou “descontínuo”, pois ela não institui nem mantém relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

O ‘professor-fiscal-juiz’ ignorou o conceito de gênero – como um construto social, como uma norma e não como uma “realidade biológica” – e acusou Daniela de usar indevidamente o banheiro. Também agiu em nome de supostas outras estudantes que se sentiriam “constrangidas de reclamar” por ter um garoto dentro do banheiro feminino, supondo

---

1. Passabilidade pode ser definida como a capacidade de se passar por. Na comunidade trans, usa-se o termo passável para o indivíduo quanto mais ele seja capaz de se passar por cisgênero.  
2. Cisheteronormatividade: conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza, institucionaliza e codifica os corpos dentro da cisgeneridade e heterossexualidade compulsórias.

que a presença de Daniela seria rechaçada por outras meninas. Podemos identificar os discursos em práticas discursivas e não discursivas, o discurso científico hegemônico afirma que a categoria sexo é natural, anatômico, cromossômico e hormonal, entretanto Judith Butler - articulando com Foucault – pergunta provocativamente: “seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo, produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais?” (BUTLER, 2019, pg. 27). Ela defende que o sexo é também construído por meio dos discursos e numa cultura, isto é, “o meio discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou um ‘sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura.” (BUTLER, 2019, pg. 27). A provocação de Butler nos instiga algo impensável dentro da biologia: o sexo (e não apenas o gênero) também é uma construção social...

Quando o professor “sai em defesa” de outras mulheres no banheiro feminino e através da frase “*as meninas poderiam se sentir constrangidas com a tua presença e não ter tido a coragem de falar*”, evidencia o discurso machista – a mulher frágil - típico de nossa sociedade patriarcal, onde a mulher tem que ser defendida. Em “A Ordem do Discurso” (2014), Foucault liga intimamente o discurso com *desejo e poder* e afirma “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, pg.10) e neste sentido, o discurso é o espaço onde se articula o saber e o poder. Os saberes são construídos dentro de relações de poder, numa espécie de “arena” onde quem ocupa lugares privilegiados dentro dessas relações de poder, enuncia as verdades. Os saberes médicos, jurídicos, pedagógicos, religiosos, todos eles podem nos mostrar, genealogicamente, essa relação entre saber e poder. “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (FOUCAULT, 1993, p. 142). Edgardo Castro em sua obra “Vocabulário de Foucault” nos auxilia: “o poder não está, pois, fora do discurso. O poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (CASTRO, 2009 p.120).

No domínio genealógico da obra de Michel Foucault, encontramos a crítica contra os efeitos centralizadores de poder que estão vinculados às instituições e ao funcionamento de um discurso científico que localiza o poder e coloca o professor hierarquicamente acima das estudantes. O saber que ele utiliza para acusar Daniela de usar o banheiro feminino mesmo

possuindo um pênis, está ancorado no discurso científico que define como “mulher” a fêmea humana, aquele ser humano provido de vagina, útero, ovários e essa verdade, para ele, é incontestável. Não é “pensável” alguém com pênis ser uma mulher e usar aquele banheiro! Tratar os diferentes gêneros e sexualidades que fogem da cisheteronorma como sendo inferiores, a partir de alguma característica marcada corporalmente, não é simplesmente um erro, mas a demonstração da imposição de uma “eloquente grade cultural sobre uma natureza que, em si mesma, é – culturalmente falando – silenciosa” (SILVA, 2011, p. 145) e entendemos que as interpretações biológicas não são mais do que a imposição de uma matriz de significação numa dada formação discursiva, numa dada episteme. Nascemos, crescemos, entendemos o mundo, aprendemos a falar e a nos relacionar no mundo dentro de uma matriz de significação. Neste sentido, concordamos com Paul B. Preciado (2020) que afirma que a “anatomia não pode ser o fundamento sobre o qual se apoiam as agendas políticas e os juízos morais, uma vez que a anatomia (um sistema de representação historicamente fabricado) é, em si mesma, o resultado de convenções políticas e sociais mutantes” (PRECIADO, 2020, p.79), isto é, não somos alecrins dourados, somos seres linguísticos, discursivos, culturais, políticos, com uma materialidade biológica significada por nós. Não é porque é, é porque fizemos ser assim!

Outro aspecto das teorizações de Michel Foucault que podemos mover na cena dos banheiros é a norma, conceito desenvolvido em um período de transição metodológica da arqueologia (focada na história dos saberes) para a genealogia (focada nas relações de poder). Em “História da Sexualidade 1”, Foucault (2019) desenvolve a ideia de que com o nascimento do capitalismo, um novo poder começa a ser exercido, tanto para “sujeição dos corpos” quanto para o “controle das populações” - o *biopoder*. Nele podemos identificar o eixo do poder disciplinar, atuante sobre os indivíduos, entendendo nosso “corpo como máquina” – adestramento, aumento das aptidões, direcionamento de suas forças, que constitui a “*anatomopolítica do corpo*” e no outro eixo, a *biopolítica das populações*, focados no “corpo-espécie”, interessado na natalidade, mortalidade, longevidade. O conceito de norma está fortemente presente tanto no eixo da disciplina quanto na biopolítica e pode ser aplicada tanto a um corpo que se deseja disciplinar quanto a uma população que se deseja regulamentar. Na obra “Segurança, território, população”, Foucault afirma: “a normalização disciplinar consiste em tornar as pessoas, os gestos, os atos, conforme aquele modelo, sendo normal aquele que é capaz de se conformar a essa norma e anormal quem não é capaz” (FOUCAULT, 2008, pg.75). Daí perguntamos: temos normas para tudo, entretanto por que as normas em relação à

sexualidade são tão enfatizadas? Segundo Foucault porque a norma do sexo “se encontra na articulação entre os dois eixos do biopoder. De um lado faz parte das disciplinas do corpo, adestramento, distribuição e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos efeitos globais que induz.” (FOUCAULT, 2019, pg.157), afirmando que atualmente é pela norma que o poder atua mais efetivamente, pois ao invés de reprimir uma “natureza individual” dada, o poder da norma constitui o arcabouço que modela nosso “eu”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou articular teorizações de uma lente epistêmica pós-crítica, para problematizar e discutir de que modo os saberes biológicos, veiculados num discurso hegemônico circulante na escola, vulnerabiliza e violenta estudantes LGBTQIA+, em especial os estudantes transgênero, que sequer podem utilizar o banheiro de acordo com seu gênero sem sofrer hostilidade. As relações de poder-saber legitimam a ação transfóbica, submetendo esses corpos trans à norma regulatória dos gêneros e sexualidades hegemônicos, enquanto instâncias escolares como a assistência estudantil e o núcleo de gênero e diversidade formam uma rede de apoio e especialmente, uma frente de resistência que busca fazer da escola, um espaço que valoriza e respeita a diferença.

A pluralidade e a diferença avançam como uma primavera exponencial, tanto na sociedade quanto nas escolas e é imperioso que a educação em ciências se articule, se oxigene, reveja seus dogmas e insira as “vidas vividas” no currículo de ciências e biologia. E com interesse pela *problematização*, com coragem para a *transgressão* e prazer pela *transformação*, esperamos neste ano de 2022, redistribuir e sinalizar os banheiros da escola de modo que todas, todos e todes possam ter o direito a seu privado xixi. Até lá, Daniela e outras e outros estudantes transgênero vão, muito provavelmente, *segurar a vontade* até chegarem em casa...

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismos e subversão da identidade**. 18ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**; tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 1 – a vontade de saber.** 8ª edição – Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 11ª edição. Tradução Roberto Machado – Rio de Janeiro, Edições Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população.** 26 Curso dado no College de France (1977-1978). 1ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas de travessia.** – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2011.